
A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO ROMANCE: UM ESTUDO SOBRE O MULATO, DE ALUÍSIO AZEVEDO¹

LUCIMAIRA DA SILVA FERREIRA²

MARILZA GARCIA GOMES³

Resumo: Este artigo faz um estudo sobre a discriminação racial no romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em uma linha de reflexão que dialoga com as tendências atuais que debatem a literatura e a vida social nos países de língua portuguesa, neste caso o Brasil. Situado no Realismo/Naturalismo, as obras de Aluísio Azevedo aderem ao cientificismo próprio do período, colocando em cena personagens que representam as patologias da sociedade da época. Nessa direção, este artigo fomentará uma discussão sobre o lugar do mulato na sociedade brasileira em determinado período histórico, bem como a representação que o autor faz dessa problemática por meio de seu romance.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo, *O mulato*, Romance, Sociedade e Vida Social

Abstract: This Article makes a study on racial discrimination in romance *O mulato*, Aluísio Azevedo, in a line of reflection that converses with the current trends that are struggling to literature and social life in Portuguese-speaking countries, in this case the Brasil. Situated in Realism/Naturalism, the works of Aluísio Azevedo adhere to scientism own period, putting in scene characters that represent the pathologies of society of the time.

Keywords: Aluísio Azevedo, *O mulato*, Romance, Society and Social Lif.

O romance é um gênero narrativo que entrou em cena, definitivamente, em meados do Século XVIII, quando a sociedade europeia estava em plena ascensão da burguesia. Os movimentos literários, também tratados como períodos ou escolas, denominados de Romantismo e Realismo/Naturalismo, eles consolidaram esse gênero que, gradativamente, conquistou o gosto dos leitores e estremeceu a produção literária moderna, tanto na Europa quanto no Brasil.

Fundamentalmente, Aluísio Azevedo escreveu romances. O autor representou um determinado período histórico da sociedade brasileira, seus vícios e suas patologias, produções que se ancoraram sob uma perspectiva que gerou uma provocação em aberto, ao expor a quebra de tabus e desmascaramento da hipocrisia social. Entre os romances de Aluísio está *O mulato*, ao qual passamos a discutir a seguir.

Iniciamos nossa análise, com ênfase na situação que se encontrava o mulato no Brasil quando Aluísio Azevedo produziu a obra. Nesse contexto sociocultural, o romancista demonstrou certa ousadia ao escrever um romance realista, ainda no período de escravidão, recriando com toda riqueza de detalhes a forma como eram tratados os negros e os mulatos; soma-se a isso a forma como o autor se propôs a construir um personagem mulato, porém com características de europeu. Surgiu, então, um personagem totalmente híbrido e conflituoso que instaurou polêmica naquele momento sociocultural brasileiro.

São Luís do Maranhão apresenta-se como uma sociedade interessante para se estudar a questão social e racial no Brasil, no final do século XIX. Era, pois, um grande centro urbano e comercial, onde deveria existir espaço para os mulatos atuarem e se ascenderem socialmente, como

¹ Esse artigo foi orientado pelo professor Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva

² Professora da educação básica, da rede pública de ensino.

³ Professora da educação básica, da rede pública de ensino.

ocorreu em outros centros urbanos escravistas no país. Mesmo após a abolição, os negros eram tratados como escravos e sem perspectiva de mudanças, quanto ao seu papel naquela sociedade.

É importante salientar o conceito da palavra mulato; segundo o dicionário *Aurélio* (1986), apesar de ser conciso demais para compreender o que vem a significar o “ser mulato”, destaca: “filho de pai branco e mãe preta ou vice-versa; o homem escuro, trigueiro; mulo. Trigueiro é o que tem a cor de trigo maduro, queimado, moreno. Mulo significa o mesmo que um; Mu significa filho de jumento e égua ou de cavalo e jumenta”. Nessa última definição, apesar de animalésca, o mulato compreende o cruzamento de duas raças distintas. Importante ressaltarmos que nessas várias definições do *Aurélio*, nada se pode notar de positivo quanto ao fato de ser mulato.

Publicado em 1881, o romance apresenta aparentemente uma história de amor, em que Ana Rosa e Raimundo são dois jovens que se querem apaixonadamente. Porém, a moldura do caso de amor por eles vivido não se limita a enquadrar o enleio sentimental. Dada à complexidade da obra, percebe-se que a base desta é o preconceito racial, pois entram em conflito aspectos inerentes à condição humana, tais como a escravidão, a hipocrisia dos caixeiros portugueses no Maranhão, as festas populares de bairro, os mexericos da aldeia, as ambições lícitas e ilícitas e, principalmente, a dominação de uma classe social sobre outra.

O mulato Raimundo é filho do português traficante de escravos Jose da Silva e da negra Domingas. Após estudar na Europa desde a infância, retorna a São Luís com a intenção de liquidar a herança deixada pelo pai, já falecido, conhecer a origem de seus problemas familiares e descobrir os mistérios que envolviam seu passado: “Não sabia ao certo quais eram as circunstâncias que viera ao mundo [...]” (AZEVEDO, 1994, p.42). Esse elemento informa, de certo modo, a angústia existencial de Raimundo, que o faz voltar às origens, a fim de tentar libertar-se dos “fantasmas” que envolviam seu passado.

A história complica-se pelo fato de Raimundo hospedar-se na casa do tio, e acabar por se apaixonar-se pela prima Ana Rosa, cuja mão lhe é terminantemente negada, devido a sua cor. Embora com várias qualidades, como a honestidade, cultismo, inteligência e, principalmente, pelo seu poder aquisitivo, tendo em vista que o protagonista tinha posses, fruto de uma herança considerável que o fazia diferente dos outros mulatos, ele estava marcado por traços que o aproximavam do negro e distanciavam do branco.

A obra poderia ter sido escrita para servir de combate social, mas não há garantias sobre isso e, por isso, questionamos os fundamentos sociais que levaram o autor a construir uma personagem mulata nos moldes europeus. Lembremos Bosi (2002, p. 157) quando afirma que “a partir do momento em que o romancista molda a personagem, dando-lhe aquele tanto de caráter que lhe confere alguma identidade no interior da trama, todo esforço da escrita se voltará para conquistar a verdade de expressão”.

Raimundo é construído com fortes traços negróides, mas com muitos predicados e que o aproxima fisicamente do branco europeu. Ele não conhecia seu passado e nem suas origens. Sabia que era filho de um português, o que, para ele, já justificava suas características de homem branco. “Era dono de uma beleza e de um porte físico invejável, que deixava todas as mulheres arrebatadas aos seus pés”. (AZEVEDO, 1994, p. 81).

Raimundo avultava dentre a multidão dos fatos como uma letra maiúscula no meio de um período de Lucena; Aquele rosto quente, de olhos sombrios, olhos feitos do azul do mar em dias de tempestade, aqueles lábios vermelhos e fortes, aqueles dentes mais brancos que as

presas de uma fera impressionavam-na profundamente. Que espécie de homem estaria ali!...(Ibidem, p. 75).

Raimundo era doutor, porém mulato; tinha traços de homem forte, vigoroso, que o autor ressaltou por uso de metáforas, em várias partes do romance; percebe-se que Azevedo deu visibilidade aos estereótipos do mulato no Brasil daquela época e que permaneceu por longos anos à posteriori. O autor criou o protagonista como representação de um homem cativante, rico, doutor. E acentuou nele qualidades para que o leitor considerasse-o um homem perfeito. Porém, faz dele um objeto de manipulação frente a uma sociedade onde imperava a hipocrisia social, por meio da discriminação pela cor da pele e classe social.

Dentre tantas qualidades, Raimundo está idealizado como herói romântico, em contraposição ao herói realista/naturalista, período de produção do romance. Isso deixa transparecer vestígios do movimento literário anterior, na obra de Azevedo. O romantismo foi um movimento que valorizou a sensibilidade e a fantasia nas histórias de amor, em contraposição ao Realismo/Naturalismo que se voltou ao cientificismo e anticlericalismo.

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo, se não fossem os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulata, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo; nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia eram os olhos: grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim”, fazia sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar de barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz. (AZEVEDO, 1994, p. 42).

Para Silva (2005), a construção personagem Raimundo nos moldes românticos dá a ele encantamentos que eram atribuídos ao homem branco. Percebe-se que ele não seria o tipo ideal de herói romântico pelos traços de negritude que trazia, mas tornou-se aceitável por apresentar também partes do fenótipo idealizado pelo herói com características do branco. O autor compôs um personagem inédito na literatura daquele período histórico-literário que não era nem branco nem negro. Se assim não fizesse, talvez o sucesso da sua obra não fosse o mesmo.

Aluísio Azevedo trabalha com a possibilidade do ser híbrido, deixando transparecer as origens raciais da personagem, que nem por isso deixaria de ser belo e desejável. A hibrididade de Raimundo torna-o polêmico e também faz dele um homem fraco que não reagia à sociedade, diante da rejeição ocorrida. Talvez o fato de embranquecê-lo tenha feito dele um mulato com padrão de vida diferente dos outros, pois fugia da realidade social daquele momento. Nessa direção, o protagonista representava um tipo social novo e perigoso para a sociedade do século XIX, que não o conhecia e que por medo de conhecê-lo preferiu excluí-lo.

O autor contrapõe, no romance, o pensamento positivista e as concepções de Raimundo que defendia o progresso, a liberdade social, a superação da religiosidade supersticiosa das regras sociais. A vida do mulato, com características do branco colonizador, representava uma ameaça à sociedade que demonstrou ser implacável em suas convenções, propondo a eliminação dessa raça. Por isso, Raimundo é banido do meio social. É assassinado por um branco.

Raimundo descobre suas raízes através de desagradáveis revelações, sentia se solitário, ele não entendia o porquê da rejeição. Ficou isolado, não lhe faziam convites para nada, não sabia por que o tratavam assim, até que tomou conhecimento de fatos do passado:

[...] reparava despeitado que, sempre e por toda a parte, o recebiam constrangidos. Não lhe chegava as mãos um só convite para baile ou simples sarau; cortavam muita vez a conversação quando ele aproximava; tinham escrúpulo em falar na sua presença de assuntos, aliás ,inocentes e comuns; enfim isolam-no e o infeliz, convencido de que era gratuitamente antipatizado por toda a província, sepultou-se no seu quarto e só saía para fazer exercício, ir a uma reunião publica, ou então quando algum dos seus negócios o chamavam à rua) .AZEVEDO, 1994, p. 83).

Percebemos que Raimundo sentia-se diferenciado dos demais membros daquela sociedade, percebendo que algo nele incomodava as pessoas. Porém, ainda não lhe haviam dito isso claramente e nem mesmo ele havia conseguido detectar nele alguma diferença em relação aos outros. Até então para ele, a sua cor era normal e não havia atribuído a ela a causa daqueles problemas.

Outra parte significativa do romance é quando Raimundo encontrou sua mãe legítima. Verificamos o grotesco na construção da negra Domingas. Ela perde seu aspecto familiar, torna-se estranha e irreconhecível, até mesmo pelo seu filho ao visitá-la um dia na fazenda.

Todavia, a múmia se aproximava dele, a dar saltos, estalando os dedos ossudos e compridos. Viam-se-lhe os dentes brancos e descarnados, os olhos a estorcerem-se-lhe convulsivamente nas órbitas profundas, e a caveira a desenhar-se em ângulos através das carnes. Ora erguia as mãos, descaindo a cabeça; Ora fazia voltas, sapateando e dando pungas no ar. (Ibidem, p. 151)

Percebemos que o escritor construiu Raimundo ao oposto da mãe, pois ele é um homem culto e inteligente; ela uma escrava submissa e inculta. Ao mesmo tempo quando o autor desfigura a imagem de Domingas, enfatizando seu comportamento grosseiro e seu físico grotesco, também atribui à personagem sentimentos maternos. Semelhante ao grotesco que construiu Domingas, o autor enfatiza a imagem de dona Quitéria, mulher branca e desfigurada na sua personalidade.

Quitéria é uma mulher sem compaixão e nem piedade, só pensa em praticar maldade com os outros. Interiormente, é vazia e chega a provocar horror ao leitor. Não tem nada de sublime e afetuoso na sua personalidade e para destacar esse perfil grotesco, o autor não a colocou na posição de mãe, somente destinou a ela características negativas. Seu comportamento exagerado e histérico denunciava a tirania da sociedade. Desse modo, o autor eleva a posição do negro frente a construção da negra Domingas, pelo afeto maternal; e rebaixa a posição do branco, quando a personagem Quitéria é posta como mesquinha e negativa.

A personagem Quitéria é apresentada de forma irônica, interessada nos bens materiais do esposo, um português; ela mostra-se incapaz de amá-lo e respeitá-lo, tanto que foi pega em adultério pelo próprio marido, que acabou matando-a estrangulada. A ironia é expressa na escolha das palavras para composição do texto, como: “bêbada de cólera”, “raivosa”, “megera” e outras expressões usadas para definir seu comportamento negativo, fazendo com que as imagens que chegassem até o leitor fossem passíveis de riso. O grotesco e a ironia juntam-se para formar a construção psicológica das personagens, identificando suas fraquezas e procurando chegar o mais próximo possível da representação social que Aluísio Azevedo propôs a fazer pelo romance.

Existe uma forte relação nessa obra entre o bem e o mal, o profano e o sagrado, a ciência e a realidade, o belo e o feio. Os conceitos de belo e bom estavam relacionados ao branco, e sobre o feio e o mal ao negro. A discriminação racial na obra *O Mulato* é, portanto, um tema instigante e rico para análise literária. Sendo assim, pode-se dizer que *O Mulato* representa, na ficção, a crítica

aos costumes e tradições do Brasil no Século XIX, tendo em vista que não deixa o amor acontecer na sua plenitude. No final do romance, há confirmação do pensamento Darwinista, onde o meio determina o comportamento humano. É, pois, através da discussão da temática do preconceito que o autor modela seus personagens e os coloca frente aos problemas socioculturais do Brasil, como integrantes de uma sociedade que não sabia lidar com as diferenças.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2002.

Revista ECOS. Coordenação de Agnaldo Rodrigues da Silva (Revista do Instituto de Linguagem). Cáceres- MT: Editora Unemat, 005.